

Um estudo exploratório de design para vivências

An exploratory study design for experiencing (Erlebnis)

MILECK, Luiz; BEng; UFPR
luizmileck@gmail.com

PADOVANI, Stephania; PhD; UFPR
s_padowani2@yahoo.co.uk

Resumo

Pautada na Economia Criativa, emerge uma necessidade das instituições de ampliar os diferenciais competitivos na mais alta distinção econômica, a Economia da Transformação. Neste artigo é proposto uma nova abordagem intitulada de Design para Vivências, baseada na codificação conceitual do fenômeno de vivência, uma tradução do termo alemão Erlebnis. Através de um estudo teórico preliminar, este artigo apresenta, de forma exploratória, a conceituação do termo vivência, a diferenciação com termo experiência, a identificação dos principais aspectos que caracterizam uma vivência, e a apresentação de modelos que relacionam o fenômeno da vivência e da experiência, dentro do contexto processual do design.

Palavras Chave: vivência, erlebnis, experiência, Economia Criativa.

Abstract

Guided of the Creative Economy, emerges the institutions' needs of expanding competitive advantages in the highest economic distinction, the Economic Transformation. This paper proposes a new approach, entitled Design for Experiencing, based on the conceptual coding of experiencing phenomenon, a translation of the German term Erlebnis. Through a preliminary theoretical study, this paper presents an exploratory study of the experiencing term definition, a comparative with experience term, the identification of the main aspects that characterize an experiencing as well as the presentation of models that relate the experiencing and experience phenomenon, within the context of the design process.

Keywords: experiencing, erlebnis, experience, Creative Economy.

Introdução

Os conceitos da Sociedade da Experiência (Experience Society, de Toffler 1970 e Schulze 1992) e Economia da Experiência (Experience Economy de Pine & Gilmore 1999 e Boswijk et al. 2007) transformaram o mundo nas últimas décadas (Lindström, 2009).

De acordo com as Nações Unidas, indústrias culturais e criativas representam 7% do PIB mundial, e passaram de 39,3 bilhões de dólares em 1994 para 59,2 bilhões de dólares em 2002. E este aumento deve continuar visto que em 2008 era previsto um aumento de 1,7 trilhões de dólares, com um aumento da indústria cultural e criativa esperado de 7% anualmente em todo o mundo (UNESCO 2007 apud Lindström, 2009)

Muito referenciada por autores de marketing e administração, a tabela da progressão do valor econômico de Pine e Gilmore (1999), mostra a evolução do preço, da relevância para o consumidor e também do aumento do diferencial competitivo desde uma commodities, passando por produtos, serviços, experiências até as transformações. Deste modelo surge a Economia de Transformação (Transformation Economy), a mais alta distinção econômica, guiado pelas transformações (Pine e Gilmore, 1999 apud Lindström, 2009).

Na economia da transformação, a oferta é oferecida individualidade de maneira a eliciar, ou seja, promover o máximo de informação ao cliente, que, diferentemente dos produtos e serviços, são sustentáveis ao longo do tempo, transformando o cliente. Assim, experiências transformadoras são únicas para cada cliente, e portanto, de acordo com Pine e Gilmore (1999), não podem ser padronizados, elevando os preços deste tipo de oferta. (Lindström, 2009).

Codificado na origem de seu significado, o conceito de vivência pode extrapolar a um processo de design para vivências, que pode ser uma alternativa de experiência transformadora. Devido as características elicitadoras, experiências transformadoras como o processo de vivência, possibilitam uma oferta de maior impacto, com mais informação e mais significância, engajando assim o cliente e construindo assim um diferencial competitivo para as empresas, aumentando a relevância da marca através de uma experiência vivencial transformadora para o consumidor final.

Assim, o presente artigo propõe preencher uma lacuna existente quanto a compreensão do termo vivência, no contexto da sua definição e no também no contexto processual do Design, que ainda não está claro e é vagamente definido (Gelter 2006 apud Lindström, 2009).

Em uma pesquisa bibliográfica teórica e preliminar sobre o tema vivência, constatou-se, em um primeiro momento, a escassez de pesquisas nacionais e internacionais que contemplam o tema vivência no contexto do design. Por esse motivo, foi feita uma nova pesquisa com o uso do termo no contexto da filosofia, o que possibilitou a coleta de informações, tanto suas definições, quanto sua diferenciação do termo experiência.

Ainda no contexto filosófico, a pesquisa bibliográfica identificou os principais aspectos caracterizadores de vivência, que foram condensados em palavras chaves, que por fim foram relacionadas entre si formando frases sínteses.

Os modelos que representam este fenômeno, dentro do processo de experiência total (experiências e vivências) mais próximas do contexto do design também foram pesquisados, destacando os estudos de Lindströn (2009).

Os resultados desta pesquisa bibliográfica são apresentados em quatro partes: uma visão geral da conceituação do termo vivência, uma diferenciação do termo vivência com o termo experiência, os aspectos caracterizadores da vivência, e por fim, os modelos processuais de vivência e experiência.

Conceituação do termo Vivência

A palavra ‘vivência’ tem origem na palavra alemã ‘Erlebnis’, que apareceu pela primeira vez na primeira metade do século XIX, segundo Viesenteiner (2013), e que é substantivado derivado do verbo ‘erleben’, e foi introduzida e traduzida no vocabulário espanhol pelos colaboradores da Revista de Occidente (Morente & Bengoechea, 1970; Viesenteiner, 2013).

Para Cramer, ‘Erlebnis’ significa ‘estar ainda presente na vida quando algo acontece’ (Viesenteiner, 2013), e segundo Morente & Bengoechea (1970), ‘o que temos realmente em nosso ser psíquico, o que real e verdadeiramente estamos sentindo, tendo (na plenitude da palavra ‘ter’).’

Em seu dicionário filosófico online, Castro & Castro (2009) buscam definir o termo vivência baseado em diversos autores da filosofia, que tomando o termo vivência em sentido lato, ‘vivência é todo fato de consciência, na medida em que seu sujeito se apreende a si mesmo (de modo reflexo ou não reflexo) como encontrando-se numa determinada situação psíquica’ distinguindo a capacidade vivencial dos homens perante as plantas, que segundo os autores somente ‘vivem sem ‘viver’ a sua vida’.

Já em sentido estrito, ainda segundo Castro & Castro (2009), ‘é exclusiva do homem’ no qual “muitas vezes esta vivência, este ‘viver por excelência’, contrapõe-se unilateralmente, como estado meramente emocional e passivo, à atitude intelectual e ativa”. Porém, não existe “autêntica vivência sem pensamento”, portanto, “distingue-se ela, decerto, da reflexão racional, discursiva e abstrata, porque no momento do ‘viver’ intenso o valor objetivo é apreendido de maneira concreta e desprovida de reflexão” (Castro & Castro, 2009).

Outra maneira de compreender o significado da palavra vivência é o exemplo, referenciado por diversos autores (Castro & Castro, 2009; Morente & Bengoechea, 1970), dado por Bergson, no qual ele compara a vivência de um passeio de vinte minutos a pé por uma rua de Paris com o mais vasta coleção de fotografias. Segundo Morente & Bengoechea, 1970, existe ‘um abismo’ entre o passeio, que é ‘colocar-se realmente em presença do objeto, isto é, vivê-lo, viver com ele; tê-lo própria e realmente na vida’, quando comparada ao acervo, que é ‘uma simples ideia, uma representação, um conceito, uma elaboração intelectual’.

Além do significado de Erlebnis e sua tradução para o português, vivência, Amatuzzi (2007) apresenta um interessante artigo com traduções em outras línguas como em espanhol, que existe um correspondente do termo graças a Ortega y Gasset (2002) que introduziu o termo vivencia para traduzir o alemão. Segundo o dicionário da Real Academia Española (1992) o termo ‘vivencia’ significa o fato de viver ou experimentar algo, e seu conteúdo.

Já em inglês, temos experience para traduzir experiência, porém com uma dupla conceptualização (Lindström, 2009). Este termo é usado tanto no sentido de ter experiência em alguma coisa, conhecimento adquirido com a prática (relacionando-se, portanto, com o alemão Erfahrung), como no sentido de ter uma terrível experiência (conotando o lado emocional, único, o impacto de um contato, relacionando-se com o Erlebnis alemão). Existe também em inglês experiencing, que segundo Amatuzzi (2007), pode ter sido introduzido por Gendlin em 1962 e que fez desse vocábulo um termo técnico para a psicologia. Segundo Gendlin (1962) existe uma diferença entre experience (um construto, um conceito) e experiencing (aquilo que é designado por esse conceito, ou seja, a vivência mesma), que foram traduzidos para o português como ‘experiência’ e ‘experienciação’ respectivamente.

Amatuzzi (2007) conclui dizendo que ‘o que pode ser claro em alemão, não parece nada claro nos idiomas latinos’ e cita o reconhecimento da filósofa Ales Bello (2004, 2006) felicitando o termo ‘vivência’ do idioma português. O autor ainda aconselha que, como o termo vivência pode ser expresso nas línguas latinas também pelo termo experiência, seria bom acrescentar algum adjetivo para evitar confusões dependendo do contexto. Para línguas onde não existe equivalente da palavra vivência, como em italiano e em francês, é comum o uso de expressões compostas para conotar este sentido.

Tabela 1 – Experiência e Vivência comparados em diferentes línguas

Português	Alemão	Espanhol	Italiano	Francês	Inglês	Sueco
Experiência	Erfahrung	Experiencia	Esperienza	Expérience	Experience	Erfarenhet
Vivência	Elebnis	Vivencia	-	-	Experiencing	Upplevelse

Fonte: baseado em Amatuzzi (2007); Lindström (2009)

Diferença entre Vivência e Experiência

Vivência é um termo complexo de definir, por ele mesmo, e sabendo disso, buscou-se entender além do seu conceito pela sua própria definição, contrastando seu significado com o termo experiência.

Em alemão existem ao menos duas palavras para o termo ‘experiência’: Erfahrung, que tem mais a ver com experiência adquirida, aprendizagem pela prática, conhecimento adquirido na vida (e não nos livros), e Erlebnis, que tem uma conotação mais ligada à emoção sentida diante de um acontecimento concreto (Amatuzzi, 2007).

O substantivo Erfahrung deriva do verbo ‘erfahren’ que significa aprender, vir a saber, descobrir, experimentar, que é uma derivação do verbo ‘fahren’, que significa viajar, ir. Portanto, Erfahrung tem a ver com conhecimento adquirido na prática da vida ou na vivência de determinados acontecimentos. Quando em português dizemos que alguém é muito ‘viajado’ (uma pessoa experiente), isso poderia ser dito em alemão com a palavra Erfahrung (Amatuzzi, 2007). Autores como Kolb (1984) e Gelter (2006), das áreas de Experience Learning e Experience Production, confirmam as definições encontradas na filosofia, significando o termo Erfahrung como ‘habilidades, práticas, entendimentos, familiaridade, know-how e conhecimento

acumulado na vida e sabedoria que compõem um ser humano e que podem ser comunicadas' (Lindström, 2009).

Já o substantivo *Erlebnis* deriva do verbo 'erleben' que significa vivenciar, passar por, presenciar (Keller, 2002) que tem em sua raiz o substantivo 'Leben', que significa vida (Keller, 2002 apud Amatuzzi, 2007). Se traduzíssemos a frase 'aquele foi uma experiência incrível' para o alemão, a palavra mais correta a ser usada seria *Erlebnis* e não *Erfahrung*. Por isso *Erlebnis* significa mais 'vivência' do que aprendizagem; tem mais o sentido de experiência vivida do que de experiência adquirida; mas o sentido de presenciar do que de aprender (Amatuzzi, 2007). No mesmo sentido, para Kolb (1984) e Gelter (2006), *Erlebnis* significa 'um incidente, encontro, evento, acontecimento', bem como *Erleben* significa 'um sentimento, emoções, o que entra em contato com, o que enfrentamos, viver, sofrer, sofrer, ser objeto de ou se deparar' (Gelter 2006 apud Lindström, 2009).

Segundo as notas de rodapé de Viesenteiner (2013), a diferença entre *Erlebnis* e *Erfahrung* pode ser observada com base na primeira elaboração do verbete *Erlebnis* em um dicionário da língua alemã, organizado por Wilhelm Traugott Krug em 1838, no qual 'Erlebnis significa tudo o que propriamente se vivenciou (sentiu, presenciou, pensou, quis, fez ou permitiu). Tais vivências, pois, são as condições da própria experiência, se através daí se entende extrair certos resultados.

De forma pragmática, Viesenteiner (2013) caracteriza *Erlebnis* com significado estético-individual, enquanto *Erfahrung* tem um significado prático-moral, ou seja, só depois que se tem a *Erfahrung* mesma é possível extrair uma avaliação do que se experimentou. resultados' (Cramer apud Viesenteiner, 2013). Em suma, *Erfahrung* seria mais o aprendido, implicando uma ênfase no cognitivo acumulado, enquanto que *Erlebnis*, o vivido, ou seja, com ênfase no emocional momentâneo (Amatuzzi, 2007).

Para Lindström (2009), em sua dissertação de mestrado na área de Experience Production, estes dois conceitos 'estão intimamente interligados e interdependente', e correspondem a como 'experimentamos o mundo' através de nossos dois hemisférios cerebrais: no lado direito em uma compreensão fenomenológica (*Erlebnis*), e no lado esquerdo em uma percepção analítica (*Erfahrung*). (Kolb 1984, Edwards 1979, Damasio 1994, Gelter 2006, Pink 2006 apud Lindström, 2009). Estas são as duas formas de interagir com o mundo, criando 'o

nosso mundo da vida e experiências vividas' (Gadamer 1976, van Manen 1990 apud Lindström, 2009).

Figura 1 – Diferença entre vivência e experiência



Fonte: baseado em Amatuzzi (2007); Lindström (2009); Viesenteiner (2013)

Aspectos caracterizadores de Vivência

Abordado por diversos autores, um aspecto fundamental da vivência é a sua plenitude, e sua capacidade de se auto interpretar dentro do conceito do compreender hermenêutico.

Para Dilthey, vivência é um ‘símbolo verdadeiro da experiência ‘plena e não mutilada’ da realidade igualmente ‘plena e total’ e, por possuir toda a plenitude de características que a compõem, permite ser explicada em sua plenitude, sem qualquer característica fora da vivência, ou seja, ‘vivência é sua própria prova’ (Amaral 2004).

Este pensamento está fundamentado nos fenomenologistas através de uma ‘estrutura hermenêutica’ (Hans Georg Gadamer apud Amaral 2004) que se caracteriza por um compreender hermenêutico mais comprensivo e não reflexivo (Figal, 2007 apud Seibt, 2012).

Segundo Seibt (2012) o ver comprensivo, onde acontecem as vivências, é ‘o solo de onde qualquer terceirização parte e, contudo, depois de constituída em teoria, perde contato com o solo e se move independente’, e assim nós só podemos compreender hermeneuticamente uma vivência se olharmos dentro dela, ‘permanecemos nela e na vitalidade da sua realização e não nos colocamos fora da sua realização vivencial’ (Seibt, 2012).

Seibt (2012) afirma que é preciso ‘um método não teórico’ e não ‘um instrumento providenciado pelo teórico’ para conseguir acessar as vivências e, segundo Fernandes (2010), a vivência ‘pode abrir um acesso a profundidade, amplidão e originalidade da vida, via fenomenológica, passagem da consciência para a vida’.

Outro aspecto abordado por muitos autores (Amaral, 2004; Fernandes, 2010; Seibt, 2012; Viesenteiner, 2013) é a consciência e a reflexão, que depois de compreendido a ‘estrutura hermenêutica’ é melhor representado pelos termos ‘falta de consciência’ e a ‘não-reflexão’.

Figura 2 – Aspectos caracterizadores de vivência



Fonte: baseado em Morente & Bengoechea (1970); Larrosa (2002); Amaral (2004); Silva (2009); Castro & Castro (2009); Fernandes (2010); Seibt (2012) e Viesenteiner (2013)

A vivência é ‘completamente inconsciente e sem determinação racional’ (Viesenteiner 2013), ou em outras palavras, ‘independente da nossa consciência’ (Amaral 2004). Para Seibt (2012) ‘a vivência pré-teórica acompanha o fluxo daquilo que vai se realizando’ enquanto que a teorização ‘impõe uma parada de movimento’, onde a ‘reflexão para e estabiliza a vivência que se realiza continuamente’. Viesenteiner (2013) complementa, ‘quando conceituamos vivência ela deixa de existir’.

Esta abordagem sem determinação racional confere uma dimensão estética a vivência, devendo ‘ser unicamente experimentado, ou melhor, ‘sentido na pele’’ (Viesenteiner, 2013), sendo inclusive caracterizada como sentimento (ou ‘Pathos’, um contra conceito da razão) (Viesenteiner, 2013), ou paixão (Larrosa, 2002), ou ainda ‘como uma sensação’ (Visser apud Viesenteiner, 2013).

Outro aspecto importante é seu ‘caráter de ligação imediata com a vida’, não sendo possível se vivenciar algo ‘através do legado de uma tradição e nem através de algo de que ‘se ouviu falar’’ (Viesenteiner, 2013).

Amaral (2004) reforça este pensamento no qual ‘fatos da consciência não se reduzem a uma esfera de imagens desconectadas das relações concretas com o mundo exterior’ se opondo ao conceito de representação’ e trazendo à tona outro aspecto caracterizador da vivência, o caráter individual do fenômeno, onde ‘eu aconteço e, por outro lado, acontece algo comigo’ (Heidegger, 1987 apud Fernandes, 2010). Viesenteiner (2013) afirma ainda que ‘vivência é individual’. Fernandes (2010) resume, baseado no pensamento de Heidegger (1987), onde no ‘vivenciar, eu aconteço e, por outro lado, acontece algo comigo’.

Outro aspecto encontrado é a significabilidade do vivido, no qual não basta, portanto, vivenciar ‘como um querer vivenciar’, segundo Nietzsche ‘é preciso que cada vivência altere durante um longo período e de modo significativo a vida’. Viesenteiner (2013) ‘o que é vivenciado deve ter uma intensidade de tal modo significativa, cujo resultado confere uma importância que transforma por completo o contexto geral da existência’.

Viesenteiner (2013) traz que ‘a noção de significabilidade da vivência confere a ela o status de algo exclusivamente individual’, fazendo com que cada vivência seja ‘estritamente pessoal e sentida diferentemente por cada um’, que nos remete a outro aspecto característico de vivência, a intencionalidade, que também é muito citado por diversos autores (Fernandes, 2010; Seibt, 2012; Viesenteiner, 2013).

O aspecto da intencionalidade deve ser compreendido em duas abordagens diferentes. Uma que relaciona a intencionalidade do evento. E outra que relaciona uma vivência ao acaso, ou seja, não compete ao indivíduo participar de uma vivência de forma intencional.

Segundo Fernandes (2010) a primeira condição para melhor compreendermos o aspecto da intencionalidade ‘é não interpretarmos as vivências como ocorrências, ainda que como ocorrências psíquicas’, e ‘não são coisas’, entretanto elas ‘acontecem’ e neste sentido, ‘podemos

compreender a vivência intencional como evento, sendo o processo apenas uma pálida reminiscência do evento'. Para Fernandes (2010) cada vivência é um evento no qual 'cada vez acontece a vida, acontece o mundo, onde eu mesmo 'aconteço' como ser-no-mundo-da-vida, então abre-se, para mim, um novo caminho para a compreensão daquilo, a que a descoberta da intencionalidade quer conduzir'. Contudo, 'Eu' não é a fonte de vivência, é apenas uma passagem', e 'vivência não é nenhuma coisa, não é apenas nenhuma ocorrência, não é algo que começa e termina como um processo'.

Reforçando este caráter de que vivência é um evento intencional, Seibt (2012) afirma que a vivência 'é extraída do seu vivo fluxo de realização, o que significa que ela se orienta intencionalmente'

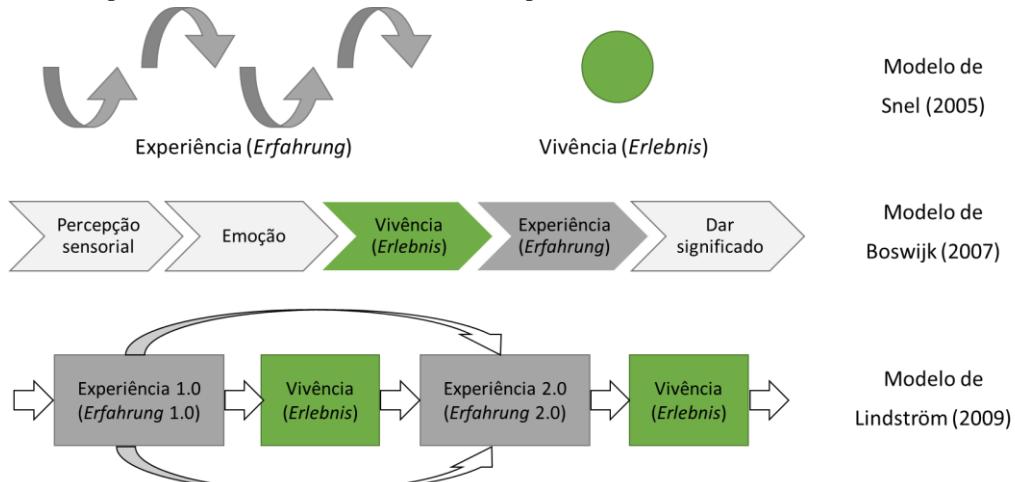
Por outro lado, Viesenteiner (2013) é direto quando afirma que 'vivência é uma obra do acaso'. E neste mesmo sentido, Fernandes (2010) escreve que as vivências 'acontecem' pois como não se trata de algo que se passa na esfera da consciência, não é possível sua participação intencional.

Modelos de Vivência e Experiência

A pesquisa bibliográfica revelou três modelos onde o evento da vivência está inserido, e diferentemente de Snel (2005) e de Boswijk (2007), Lindström (2009) relaciona os dois conceitos, vivência e experiência (*Erfahrung*), estando intimamente interligados e interdependente, correspondendo às duas maneiras como experimentamos o mundo, em uma compreensão fenomenológica e em uma percepção analítica.

Em seu modelo, Snel (2005) define vivência como 'um evento isolado e imediato', enquanto que uma experiência (*Erfahrung*) é um '... processo contínuo de fazer e experimentar, dar e receber, causas e consequências, ação e reflexão etc.' (Lindström, 2009). Snel (2005) ainda aponta uma segunda diferença, no qual uma vivência 'só tem significado dentro do contexto em que ocorre, enquanto que uma experiência (*Erfahrung*) tem significado para além dos limites do seu contexto original', ou seja, uma vivência 'só tem sentido quando ocorre a experiência (*Erfahrung*)', enquanto que a experiência (*Erfahrung*) 'pode ter um significado para a vida' (Lindström, 2009).

Figura 3 – Comparativo dos Modelos de vivência e Experiência.



Fonte: baseado em Lindström, 2009

A partir do modelo de Snel (2005), Boswijk et al. (2007) toma uma perspectiva cognitiva ao analisar as experiências significativas, introduzindo uma percepção sensorial e emocional no processo de formação significado (Lindström, 2009). Segundo o modelo de Boswijk et al. (2007), uma vivência é ‘uma ocorrência imediata, relativamente isolada com um complexo de emoções que fazem uma impressão e representa um determinado valor para o indivíduo dentro do contexto de uma situação específica’ e é criada ‘como uma emoção complexa’ a partir deste processamento sensorial.

Mesmo partindo do modelo de Snel (2005), sendo considerada por Lindström (2009) inclusive como uma extensão da definição de Snel incorporando emoções, Boswijk et al (2007) contrapõe o modelo de Snel colocando a ênfase de significado da experiência (Erfahrung) definindo-a como ‘uma experiência significativa’ que ‘tem a ver com a soma de todas as interações que as pessoas têm com o meio ambiente e com os outros’. Ainda segundo Boswijk et al (2007), as vivências são ‘um subconjunto de uma experiência (Erfahrung)’ ou ainda ‘um produto de um contexto particular e um determinado momento’ (Lindström, 2009)

Boswijk et al (2007) interliga os conceitos de vivência e experiência (Erfahrung), onde uma vivência sempre antevê uma experiência (Erfahrung) dentro de uma experiência (experience) significativa. Deste modo, os eventos de vivência contribuem para ‘criar uma experiência significativa (Erfahrung) e significado’, por meio de um processo de aprendizagem reflexiva’ (Lindström, 2009).

O modelo proposto por Lindström (2009) contrasta com Snel (2005), ‘que vê a vivência e a experiência (Erfahrung) como duas maneiras diferentes de viver independentes’, ou Boswijk et al. (2007), ‘que veem a vivência como a primeira etapa anterior a experiência (Erfahrung) na criação de significado e experiências significativas’ (Lindström, 2009). Lindström (2009) considera a vivência e a experiência (Erfahrung) como processos iterativos e interativos, que são completamente interdependentes.

Segundo o modelo de Lindström (2009), assim como um estudante em uma aula, cada vivência acontece com uma experiência de vida anterior (pré-experiência ou Erfahrung 1.0), originando uma nova maneira de se relacionar com o mundo, gerando então uma experiência de vida estendida (pós-experiência ou Erfahrung 2.0). Desta forma, não podemos ganhar experiências de vida (Erfahrung) sem algum tipo de vivência, que segundo Lindström (2009) pode ocorrer em ‘graus diferentes’ e pode ser ‘um evento no mundo real ou alguma experiência interna imaterial através do pensamento, sonhos e emoções’ (Lindström, 2009).

Discussões

Observa-se primeiramente que existe uma grande lacuna de compreensão do conceito de “vivência” dentro do contexto do design, existindo poucas fontes de referência que os conectam, conferindo um caráter experimental, ou até intuitivo, do termo interagindo dentro do contexto do design. Este distanciamento pode ser justificado pela falta do uso da tradução direta, ou mesmo pela falta da tradução direta do termo em alemão.

Codificado principalmente de referências filosóficas, o estudo bibliográfico apontou que o termo vivência pode ser diferenciado do termo experiência, desde sua conceituação até seus aspectos caracterizadores, inclusive podendo ser representados através de modelos.

Analisando os aspectos caracterizadores encontrados, conseguimos formular algumas conclusões sintetizadas em três frases (S1, S2 e S3), que se orientam dentro da descrição da tríplice semântica de Nietzsche apresentado por Viesenteiner (2013).

Primeiramente, podemos concluir que (S1) uma vivência é plena pois independe da consciência para ser compreendida, conferindo-a uma dimensão estética.

Além disso, (S2) uma vivência acontece sempre na relação imediata entre homem-mundo, ou seja, na realidade e não no legado de alguém, impactando inclusive o lado individual do homem.

Por fim, (S3) uma vivência existe a partir da intensidade e significabilidade do vivido, gerando um evento intencional, sem qualquer intencionalidade do indivíduo.

Esta pesquisa bibliográfica aponta ainda alguns estudos que apresentam modelos que relacionam vivência e experiência que, apesar de contribuir na compreensão destes fenômenos, ainda não determina de forma clara esta relação (Gelter 2006 apud Lindström, 2009).

O modelo de Lindström (2009) usa como referência os modelos apresentados por Snel (2005) e por Boswijk (2007) e, quando comparada as sínteses dos aspectos caracterizadores de vivência, possui elementos suficientes para posicioná-lo como um modelo representativo do fenômeno da vivência e da experiência em um processo de design.

Considerações finais

A necessidade de ampliar e melhorar os diferenciais competitivos nesta nova economia da transformação, dentro de um contexto de economia criativa que cresce a cada ano, exige que novas linguagens e novos processos sejam codificados, para que posteriormente possam ser desenhados e projetados.

O presente artigo apresentou um estudo teórico preliminar sobre uma abordagem de design para vivências, através da conceituação do termo, identificação de aspectos que caracterizam uma vivência, e também, de modelos emergentes que relacionam o fenômeno da vivência com a experiência.

Com base nesse estudo, sugere-se que o conceito de design para vivência seja conhecido e explorado mais frequentemente em novas pesquisas, ampliando seu entendimento, e proporcionando uma diferenciação do termo generalizado por experiência.

Contudo, o objetivo deste estudo foi exploratório e não buscou exaurir o contexto da vivência. Acredita-se que os resultados alcançados e apresentados neste artigo constituem um compromisso lógico de codificar o termo vivência para que ele possa oferecer um caminho fértil para esta nova abordagem de design para vivências.

Nesse sentido, recomenda-se para trabalhos futuros, que o contexto de design para vivências seja ampliado e estudado de forma exaustiva de modo a preencher a lacuna ainda existente em pesquisa a esse respeito, incluindo um estudo de campo em práticas do mercado deste tipo de abordagem, a relação teórico-prática do design para vivências, diretrizes para projetos de vivências, entre outras contribuições.

Referências

- AMARAL, M. N. de C. P. 2004. **Dilthey: conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito.** Trans/Form/Ação. São Paulo, 27(2): 51-73.
- AMATUZZI, M. 2007. **Experiência: um termo chave para a Psicologia.** Memorandum, 13, 8-15.
- CASTRO, J. C. de, & CASTRO, M. C. de. 2009. In: Home: Speculum <<http://hyperlexikon.hyperlogos.info/modules/lexico/entry.php?entryID=567>>, 13/04/2015.
- FERNANDES, M. 2010. **Consciência, vivência e vida: um percurso fenomenológico.** Revista Da Abordagem Gestáltica, (1), 29–41.
- LARROSA, J. 2002. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. Escola de diálogo der São Paulo.
- LINDSTRÖM, J. 2009. **Meeting Room Design based on Experience Production for the meeting industry.** Master's Thesis. Department of Music and media. Division of Media and adventure management. Luleå University of Technology.
- MORENTE, M., & BENGOCHEA, J. 1970. **Fundamentos de filosofia.** 1–28.
- PINE II, B. J., & GILMORE, J. H. 1999. **The Experience Economy – work is theatre & every business a stage.** Boston: Harvard Business School Press.
- SANDERS, E. 2002. **Scaffolds for experiencing in the new design space.** Information Design. Institute for Information Design Japan.
- SANDERS, E., & DANDAVATE, U. 1999. **Design for experiencing: New tools.** Proceedings of the First International Conference on Design and Emotion. TU Delft.
- SANDERS, E., & WESTERLUND, B. 2011. **Experiencing, exploring and experimenting in and with co-design spaces.** Nordes, 3, 6–10.

SEIBT, C. L. 2012. **Heidegger: da fenomenologia ‘reflexiva’ à fenomenologia hermenêutica.** Princípios: Revista de Filosofia, 19 (31), 79–98.

SILVA, R. da. 2009. **O Conceito de Vivência em Wilhelm Dilthey: a fulgura da historicidade da existência.** Revista de Teoria da História. Ano 1 (1).

VARGAS, H. C., & LISBOA, V. S. 2011. **Dinâmicas espaciais dos grandes eventos no cotidiano da cidade: significados e impactos urbanos.** Cadernos Metrópole, 13, 145–161.

VIESENTEINER, J. 2013. **O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção.** Kriterion: Revista de Filosofia, 54(127), 1–9.